

“JOSÉ LINS DO REGO DO BRASIL: UMA OBRA DE GILBERTO FREYRE”

César Braga-Pinto
Rutgers University

Seja no nível pessoal, seja no intelectual, a relação entre José Lins do Rego e Gilberto Freyre se define, em vários de seus escritos – particularmente em seus artigos, prefácios e correspondência—como uma relação de mediação e sujeição. Muito já foi dito sobre essa amizade, frequentemente considerada “uma das grandes amizades na literatura brasileira”¹— inclusive pelo próprio Freyre, para quem aquela era uma amizade “como talvez nunca tenha havido outra entre escritores brasileiros”². Nesse trabalho interessa-me menos o caráter propriamente empírico dessa amizade do que a maneira pela qual aqueles textos de Gilberto Freyre e José Lins do Rego que tratam explicitamente dessa relação entre amigos e companheiros de geração freqüentemente refletem uma série de binarismos que são centrais a suas obras e ao próprio movimento regionalista. Em particular, procurarei mostrar em que medida essa amizade constitui o modelo de uma oposição (sem antagonismo) que parece estar paralela à oposição entre senhor e escravo, conforme o modelo teorizado por Freyre a partir de *Casa Grande e Senzala*.

O testemunho dessa amizade *à la Montaigne* – rara e singular, por definição—e do impacto que um escritor teve no outro está presente em vários textos, tanto de Gilberto Freyre como de José Lins do Rego. Por mais que Freyre tente dizer o contrário, conforme se observa nas cartas que os dois trocaram entre si a partir de 1924 e nos artigos que um escreveu sobre o outro, o que transparece é uma relação assimétrica em que o impacto de seu pensamento e de sua personalidade na educação de José Lins do Rego (e, no fundo, de toda uma geração de recifenses)

¹ Menezes, Diogo de Mello. *Gilberto Freyre*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1991. p.21.

² Freyre, Gilberto. “José Lins do Rego e eu: qual dos dois influenciou no outro?” . *Alhos e Bugalhos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. Alhos & bugalhos : ensaios sobre temas contraditórios: de Joyce a cachaca; de José Lins do Rego ao cartão-postal. p. 32.

teria sido consideravelmente maior do que uma possível influência do romancista sobre o sociólogo. Não se trata, no entanto, de medir ou identificar tal “influência” em si, já que o próprio conceito de influência é um tanto impreciso e de certo modo questionável – até o próprio Freyre, em um de seus textos sobre essa amizade, reconhece que “quase ninguém influi sobre outro sem ser, por sua vez, influenciado por esse outro”³. Freyre chega mesmo a declarar que não somente ele teria sido influenciado por José Lins, mas que os dois teriam se tornado parte de uma mesma narrativa de vida:

Completamo-nos através das influências que eu recebi dele e das que ele recebeu de mim. Sua vida e a minha tornaram-se, desde que nos conhecemos, duas vidas difíceis de ser consideradas à parte uma da outra, um complexo fraternalmente simbiótico, de tal modo se interpenetraram, sem sacrifício do temperamento de um ao do outro.⁴

O que interessa é sobretudo entender a natureza dessa dita complementaridade ou “interpenetração sem sacrifício”, assim como identificar em que medida e com que propósito a imagem de uma suposta “influência” (recíproca ou não) é construída nesses textos ou, para usar um outro termo Freyriano, identificar como a *contribuição* de um autor sobre o outro se apresenta retoricamente em relação a modelos de dominação e hegemonia. Ou ainda, em que medida o discurso em torno dessa relação intersubjetiva, definida como uma “vida em comum” (*simbiosis*) – relação de características ao mesmo tempo homossexuais e incestuosas, visto que a interpenetração se dá *fraternalmente* – em que medida essa relação reflete um possível intercâmbio assimétrico entre literatura e ciências sociais e, especialmente, entre localismo (ou provincianismo) e cosmopolitismo (ou universalismo).

Ao definir sua relação com JLR, Freyre repete a noção tradicional de que a verdadeira amizade é única e rara e que ela não deve nunca ser confundida com a camaradagem comum:

³ Idem, 33.

⁴ Freyre, Gilberto. “Recordando José Lins do Rego”. *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: Record: 1961, 1987. p.59.

Sua vida transbordou de tal maneira na minha que desde que o conheci deixei de ser um só para ser quase dois. Nunca ninguém, sendo do meu sexo, mas não do meu sangue, me deu mais compreensão e mais afeto. Compreensão e afeto nos momentos mais difíceis para uma amizade no Brasil; país de muitas camaradagens fáceis, mas de raras amizades profundas.⁵

O texto de Freyre tem paralelos claros com o ensaio de Montaigne “De l’amitié”, onde este escreve que a verdadeira amizade, como a dele e de Etienne de La Boetie, acontecia no máximo a cada trezentos anos. Mas é curioso que Freyre insista que a “camaradagem fácil” seja tipicamente brasileira e que no Brasil haveria pouco espaço para “amizades profundas”. Essa idéia parece ir de encontro a algumas de suas definições de Brasil baseadas em noções de uma hipotética “cordialidade” brasileira, e inclusive a de Brasil como democracia racial. Esse Brasil de poucos amigos a que ele se refere sem dúvida é o Brasil de uma certa elite intelectual pernambucana dos anos vinte, mas talvez haja também aqui um pouco da conhecida nostalgia freyriana em relação a um tempo em que o Brasil fosse caracterizado por verdadeiras e autênticas amizades, ou seja, relações fraternas que excluíssem a diferença e o conflito. Pois o modelo da amizade utilizado por Freyre (e Montaigne) é antes de mais nada o da identificação e do duplo, marcada por uma constante busca de equilíbrio, mas nunca o modelo do antagonismo ou da diferença.

Dentro de um Brasil de falsos amigos, o nome de JLR vem a ser uma exceção, uma promessa de reintegração e de transformação da sociedade brasileira através da volta da verdadeira amizade. Em artigo de 1978 Freyre descreve o encontro decisivo e a relação que se estabeleceu entre os dois jovens intelectuais da seguinte forma:

À convivência comigo – principalmente de 1923 a 1925 – José Lins do Rego atribuiu alteração profunda em sua vida. Da minha parte, não sei como teria me reintegrado em certos aspectos da vida do meu país, do qual me ausentara menino para voltar a Pernambuco homem feito – dos

⁵ Freyre, Gilberto. “José Lins do Rego”. *Diário de Pernambuco* (Recife) 15 set. 1957.

vinte e dois para os vinte e três anos, se me tivesse faltado, logo após a província, a mediação de José Lins do Rego ...⁶

A ausência do “meu país” e o regresso a “Pernambuco” marca uma distância e uma incongruência, de modo que a “província” torna-se o espaço do estranho e do incompreensível. Segundo o depoimento de Freyre, o “provinciano” José Lins do Rego teria desempenhado um papel fundamental enquanto mediador e tradutor de uma realidade que se tornara estranha ao jovem que retornava ao Brasil depois de vários anos de exílio. Já em 1924, em carta a José Lins, Gilberto Freyre definia essa mediação entre o completamente estranho e o absolutamente familiar por meio uma linguagem que nos remete a noções de que ele mesmo com frequência se utilizaria para descrever o encontro colonial e a relação (segundo ele simbiótica) entre senhor e escravo, reproduzindo um certo discurso colonial/etnográfico em que o encontro com o outro é sempre uma forma de construção e legitimação do “eu”:

Sinto em você influência minha, não por macaqueação, mas por plastização (sic), conservando você certo sabor selvagem de temperamento. Admirando-o e amando-o admiro e amo um tanto a mim mesmo, pelo que encontro em você de mim. Eu não o esquecerei, meu caro, pois o contacto com a sua desorientada juventude veio em dias muito ruins para mim: de muito amargor”⁷

Assim, o que Freyre considera como sendo o “sabor selvagem de temperamento” de José Lins do Rego torna-se acima de tudo uma forma de auto-reconhecimento. Segundo o depoimento do sociólogo, ele teria se beneficiado do companheirismo e da personalidade de José Lins para reintegrar-se a sua terra natal e, além disso, reassimilar a realidade local e suas próprias origens pernambucas conforme uma nova linguagem que ele adquirira e desenvolvera durante sua estadia nos Estados Unidos e Europa de 1918 a 1923

⁶ Freyre, Gilberto. “José Lins do Rego e eu: qual dos dois influiu no outro?”. *Alhos e Bugalhos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 35.

⁷ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, 13 de agosto de 1924.

A ausência do Recife, as experiências no estrangeiro e a educação cosmopolita coincidem com o período da adolescência de Freyre, que agora regressa transformado, já homem e com a bagagem de uma maturidade por assim dizer européia. É como se o Brasil fosse um país de meninos, onde a presença de um homem causaria alguma estranheza. José Lins, em sua personalidade “selvagem” e “plástica” parece oferecer a Freyre um renovado acesso à essência (vista como quase infantil) da cultura brasileira – uma essência da qual o próprio José Lins, em sua ingenuidade, não teria consciência e, logo, à qual não teria acesso sem a mediação de seu novo amigo, homem adulto e cosmopolita. É como se a identidade de Gilberto Freyre adulto só se completasse com o seu espelhamento em um José Lins do Rego menino.

Apesar de se sentir um estranho em seu próprio país (ou um homem num país de meninos), Freyre logo vem a se considerar o melhor, o verdadeiro intérprete do Brasil, condenando assim o nacionalismo e xenofobia dos intelectuais da província que o criticavam, assim como a inveja que eles sentiam de seu cosmopolitismo. Freyre argumenta que o acesso que eles teriam à essência do Brasil é, no fundo, limitada, ou até mesmo equívoca, em contraste com sua mais autêntica identificação. Freyre parece acreditar ter sido o responsável pela transformação e pela maturidade do intelectual pernambucano, e José Lins do Rego teria sido o primeiro dos iniciados, ou seja, o primeiro a se beneficiar de seus ensinamentos.

É claro que José Lins do Rego nem sempre aparece como passivo, ou mero objeto da narrativa de troca intelectual e sentimental construída por Gilberto Freyre, já que ele também muitas vezes participa ativamente da construção desse discurso sobre a verdadeira amizade. José Lins parece mesmo tirar grande prazer em recontar a história daquele encontro e do impacto que um imediatamente teve sobre o outro. De modo que, enquanto José Lins era retratado por Freyre como uma personalidade “selvagem”, ele por sua vez descreve seu amigo sociólogo como o típico conquistador europeu, espécie de cronista ou etnógrafo em busca de um informante nativo..

Mas nota-se que nesse espelhamento e nesse intercâmbio permanece sempre uma certa assimetria, e é como se José Lins tivesse escrito não somente para se realizar enquanto escritor, mas sobretudo para completar uma obra cujas bases foram criadas por Gilberto Freyre. É verdade que, nesse seu desejo de participar da obra e do mundo criados por GF, JLR até tenta inverter as posições, e fazer de seu amigo o assunto e personagem central de um de seus primeiros livros. Sabemos que José Lins teria escrito duzentas páginas de um ensaio biográfico sobre Freyre, abarcando desde sua primeira juventude até o ano de 1929. Um ano depois de ter conhecido Freyre (em 1923), José Lins já mostrava intenções de trabalhar nesse projeto. Dessa carta, o próprio Freyre, em sua maneira contorcida de sempre falar de si mesmo a partir de elogios a outros, publicaria, em 1962, alguns trechos editados (segundo ele, para preservar o amigo). Curiosamente, esta carta escrita por José Lins a Gilberto Freyre comenta seu projeto de se dedicar à escritura da vida do amigo no contexto da frustração de seu matrimônio, recém contraído, ao que tudo indica, por conveniência:

Casei no dia 21 de setembro, como lhe mandei dizer [... o trecho seguinte foi omitido no artigo de Freyre: “Casei-me mais por uma necessidade de ordem que de coração. Américo de Almeida compreendeu muito bem a minha situação.”] Estou ainda em experiência. Tenho lido muita coisa. Eu quero por todo este ano escrever o meu ensaio sobre você. Para isto cuido ir aí conversar. Tenho por este trabalho toda uma volúpia de passar a minha vida inteira trabalhando nele. Porque se existe escravidão mental eu sou um seu escravo. Tenho por você um arrebatamento a que Deus há de dar bastante espírito para não se dissolver em ridículo...”.⁸

Em contraste com a falta de compromisso que ele revela em relação a sua mulher, é surpreendente como José Lins mostra um desejo de se dedicar a Freyre com toda a sua “volúpia”, um desejo extático de passar *toda sua vida* trabalhando nesse projeto sobre a vida e pensamento de um amigo que na época tinha não mais do que 24 anos de idade. Mais revelador ainda é o fato

⁸ “Recordando José Lins do Rego”. *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: Record: 1961, 1987. p. 60.

de José Lins definir esse compromisso como uma forma de “escravidão” em relação a Freyre, o homem que passaria sua vida dedicado ao projeto de explicar e justificar as relações entre senhor e escravo na família patriarcal brasileira. A amizade (como de costume) é aqui definida como superior ao amor conjugal, mas ela vem a adquirir conotações de poder que remetem ao passado colonial e escravocrata brasileiro, modelo para Freyre de um equilíbrio que teria se rompido.

Em sua homenagem a JLR, Freyre acaba incorporando e se apropriando da admiração e da submissão servil do amigo, ao mesmo tempo em que transforma sua própria posição de dominante em uma espécie de simbiose que, em outro contexto, ele viria a chamar também de “equilíbrio de antagonismos”. Se JLR se confessa uma espécie de “escravo” de seu amigo, Freyre não recusaria a posição do senhor que, se não domina completamente, é porque ele se vê vítima do poder sedutor daquele que se *oferecia* ao jugo do mestre:

reconheço ter sido para José Lins do Rego, nos dias mais plásticos da sua formação literária, um mestre e mesmo um professor. Não resisti à sedução de sê-lo, tratando-se de alguém que se oferecia à minha influência com a maior plasticidade... Foi como se nele a personalidade toda, já um tanto deformada pelo meio em que vivia, se tivesse tornado inteiramente dútil para que o amigo da sua mesma idade a destorcesse para a formar de novo, com uma liberdade semelhante à de um escultor, senhor quase absoluto do seu barro. Fui por algum tempo senhor quase absoluto dessa personalidade indecisa⁹.

Talvez porque tivesse interesse em manter a dinâmica da hierarquia, Freyre não iria aprovar o projeto de José Lins de escrever um livro sobre ele e, além disso, parece tê-lo persuadido a interrompê-lo. É como se ele não quisesse se ver na posição passiva de personagem, ou tornar-se objeto do discurso de seu discípulo, o que poderia inverter os termos da oposição entre o “escravo mental” e o “senhor absoluto”. Assim, Freyre logo “sugeriria” que o amigo interrompesse aquele trabalho, do qual já lera alguns trechos. Por um lado, pode-se dizer que Freyre estivesse protegendo o amigo ao censurar o resultado de suas primeiras obras, mas parece

⁹ Idem, 70.

também que passar de autor a personagem criaria um certo desequilíbrio na relação, além de pôr em risco a própria imagem de si mesmo que Freyre se esforçava por construir.

Na verdade, vale dizer que Freyre não se opôs ao livro desde o início. Em carta de 27 de junho de 1927, ele chega mesmo a incentivar José Lins a levar sua idéia adiante:

Quanto ao ensaio, esse me apetece, e acho que você, me conhecendo como já me conhece, pois é hoje a pessoa mais íntima minha, poderia fazer uma cousa de verdade e interessante – pois em mim o pessoal muito explica o quase nada de impessoal...e acho que você e o Olívio [Montenegro] são as pessoas para o fazerem de maneira franca, pois tendo tido sempre a coragem de se confessar decisivamente influenciados por mim – embora por nenhum espírito de escola nem cousa desse jeito – estão à vontade para apontar os muitos casos daqueles que, fumando pontas de cigarros já fumadas por mim – o que é um risco de pegar doença – tomam ares de quem fuma cigarros recebidos diretamente de Londres.¹⁰

A idéia de Freyre parece ser que seu um de seus amigos escrevesse um livro esclarecendo sua influência sobre todo um grupo de imitadores (espécie de fumantes passivos) que, ao contrário dele, não tiveram acesso direto à cultura inglesa, incorporada e assimilada por ele de primeira mão em suas viagens a Londres. O retrato imaginado por Freyre parece ter sido um que, por um lado, reconhecesse sua formação européia e, por outro, que contribuisse para sua identificação com a paisagem pernambucana e o novo ambiente intelectual de Recife.

José Lins teria sido um dos primeiros iniciados à sofisticação de pensamento introduzida por Freyre, o primeiro a fumar de suas “pontas de cigarro”. Em seus depoimentos, tanto Freyre como José Lins insistem que, antes de se conhecerem, José Lins não passava de um jornalista de província que escrevia propaganda política para a oposição. Enquanto para Freyre seu melhor amigo proporcionara-lhe a possibilidade de um retorno ao Brasil, segundo o escritor da Paraíba, ele – assim como vários de seus contemporâneos da província – teria tido contacto pela primeira

¹⁰ Trecho de carta citado em Figueiredo Jr, Nestor Pinto. *Pela Mão de Gilberto Freyre ao Menino de Engenho*. João Pessoa: Idéia/Funesec, 2000. p.55.

vez com o “mundo” por meio do cosmopolitismo de Gilberto Freyre. José Lins chega a definir-se a si mesmo como uma criação de Freyre e confessa que, antes de conhecer aquele amigo e mestre, tinha uma “natureza fraca” e vivia sem nenhuma direção: “Escrevo sobre ele, e quase falo de mim mesmo, *tanto me sinto obra sua*, tanta influência exerceu sobre a minha pobre natureza, tão sujeita aos ventos e aos tormentos das tempestades”¹¹. Assim, ser obra de GF não é, para JLR, motivo de vergonha; ao contrário, a subordinação ao mestre legitima seu trabalho e o inclui dentro de um novo “mundo”: não só o “mundo” que Gilberto Freyre criou, mas o “mundo” que se opõe a vida supostamente limitada da província.

Também segundo JLR, Freyre trouxera um pouco da Inglaterra para o Brasil); fora ele quem lhe ensinara a amar aqueles que JLR, na esteira de Freyre, chama de “gente-síntese da humanidade”¹². Graças a ele, JLR aprendera que os ingleses eram um modelo privilegiado do novo intelectual de elite, já que lá “existia, ao lado das massas, uma elite de espíritos abertos a todas as influências e em correspondências com o mundo, ligada aos fins ideais e universais”¹³. Freyre é assim identificado a esse inglês “universal”, ou seja, o inglês da elite que, *ao lado das massas* se abre a “influências”.

A troca que se dá entre Freyre e JLR se define por uma suposta *simbiose* que na verdade legitima a hegemonia não só de um pensador, mas de uma escola que, ao mesmo tempo que se vê intimamente ligada às fontes inglesas, européias, e universais, teria capacidade para revelar um Brasil que até então, ninguém era capaz de ver. Gilberto Freyre torna-se assim a própria imagem do cosmopolitismo inglês e por isso atribui a si mesmo a missão de converter os provincianos – como se esses fossem uma espécie de meninos que se metem a falar como adultos – em

¹¹ Rego, José Lins do. Prefácio a *Região e Tradição*, de Gilberto Freyre. Gráfica Record Editora: Rio de Janeiro, 1942, 2nd ed. 1968. p.34.

¹² Rego, José Lins do. Prefácio a *Ingleses*, de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1942. p.15.

¹³ Idem, 16

cosmopolitas. Tal conversão, segundo sua concepção de regionalismo, se dá através de uma regressão à infância do e de sua nova ótica européia.